

GENERIFICANDO AS FRONTEIRAS. AS INFLUÊNCIAS DOS SISTEMAS DE DESIGUALDADE DE GÊNERO NAS MOBILIDADES FEMININAS TRANSFRONTEIRIÇAS E TRANSNACIONAIS

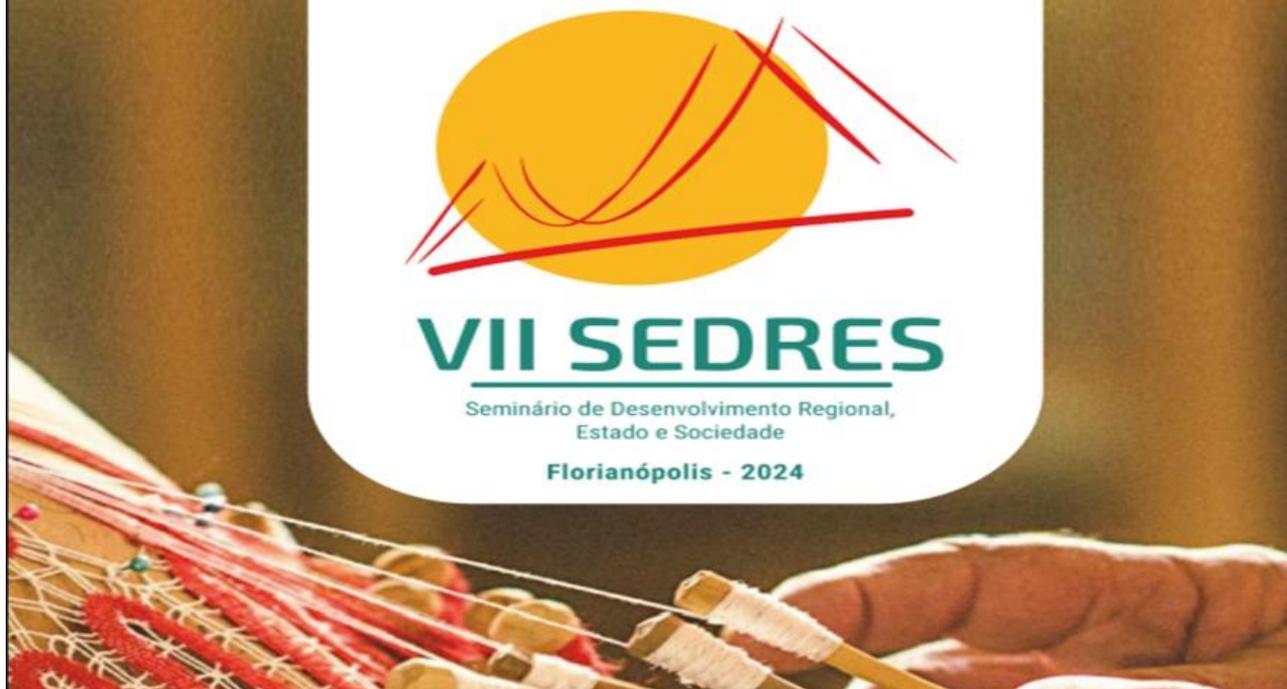
Populações, migrações e desenvolvimento (ST 3)

RESUMO

O presente trabalho analisa como os sistemas de desigualdade de gênero vigentes em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este se in-corporaram às trajetórias e experiências de habitar das mulheres paraguaias nesta fronteira, tendo os seus lares como espaços privilegiados para este estudo. Debruçaremos sobre os sistemas de desigualdade de gênero que acompanham as mulheres transfronteiriças e que condicionam a sua mobilidade. Percebemos que esses sistemas operam principalmente nas seguintes dimensões sociais da vida das mulheres e suas famílias: divisão genérica do trabalho nas famílias de origem, acesso das mulheres à educação, experiências laborais e relações afetivas. Para este trabalho, abordaremos esta última dimensão. No entanto, em todas elas percebemos a centralidade do mandato feminino de cuidado. A divisão genérica do trabalho é um dos componentes principais dos sistemas de desigualdade de gênero e será a nossa bússola para compreender as experiências das mulheres na fronteira.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A estratégia metodológica utilizada na pesquisa que originou este trabalho foi qualitativa, centrada na etnografia multisituada e feminista, e apoiada na reconstrução das histórias de vida de 11 mulheres paraguaias trabalhadoras em Foz do Iguaçu. Esta estratégia foi complementada pela realização de 11 entrevistas semiestruturadas a atores locais chave e pela observação participante in situ no território fronteiriço, entre os meses de junho, julho e agosto de 2022. Posteriormente, foi realizado trabalho de campo na Espanha, entre setembro de 2022 a março de 2023. As observações em campo originaram diversas anotações manuais organizadas em 16 diários de campo.



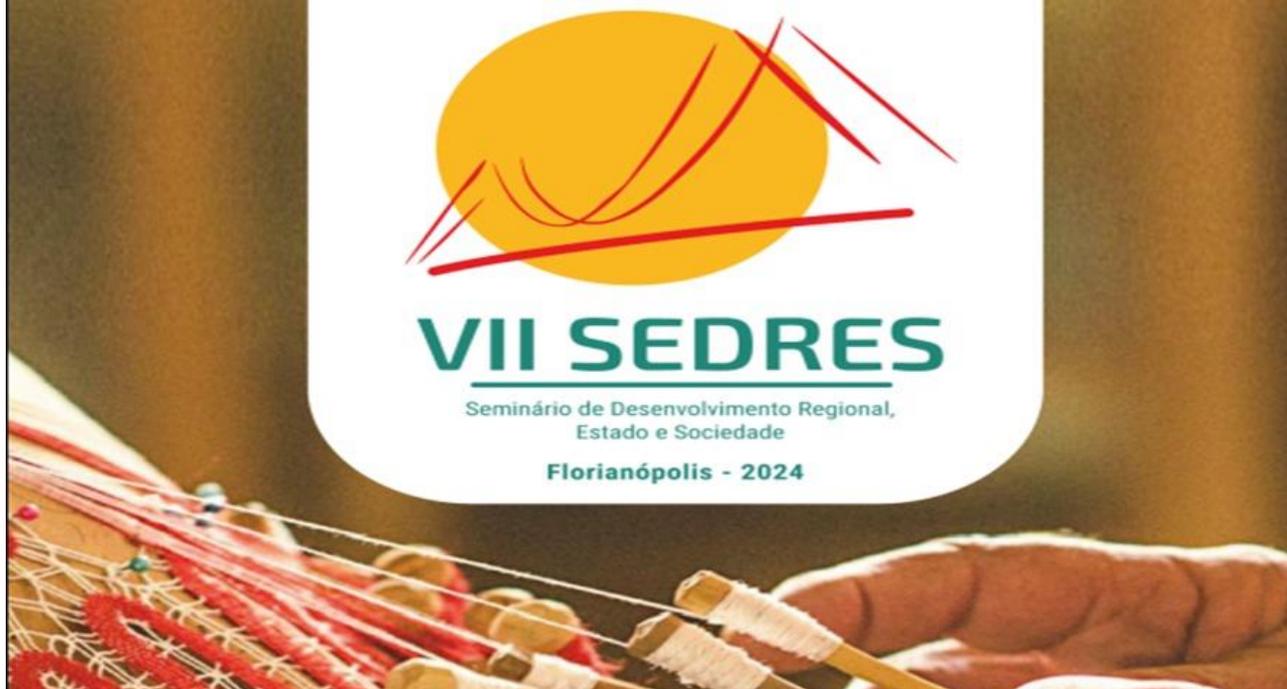
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inspiradas pelas reflexões e estudos preliminares de Gregório Gil (1998), indagamos: os sistemas de desigualdade de gênero no Paraguai estimulam a mobilidade transfronteiriça feminina? Por outro lado, os sistemas de desigualdade de gênero no Brasil atraem o fluxo transfronteiriço de mulheres paraguaias e as motiva/permite a construir outros lares? Quais são esses sistemas e como se relacionam? Os territórios fronteiriços são locus privilegiados para estes estudos já que disparam as desigualdades de gênero, articuladas com outros sistemas de desigualdade, como os de classe, discriminação racial, nacionalidade, entre outros (GUIZARDI, 2019; SEGATO, 2016; VITERI et al., 2017).

Ao entrevistar as mulheres paraguaias transfronteiriças, observamos que elas carregam em seus corpos, como parte de sua história geográfica, marcas das desigualdades de habitar a fronteira, tendo a desigualdade de gênero como órbita para as demais desigualdades. Para compreender as desigualdades que estas mulheres enfrentam em seu habitar fronteiriço é necessário, antes, compreender as experiências prévias de desigualdade e violência que motivaram os atravessamentos posteriores.

A princípio, a nossa proposta era separar a análise das desigualdades e violências de gênero entre o contexto da partida e o contexto do trânsito das mulheres. Percebemos, então, que esta divisão apresentava um problema fundamental associado à própria estrutura dos sistemas de desigualdades de gênero e à organização da vida social transfronteiriça. Assim como definiu Gregório Gil (1998), os sistemas de gênero de um determinado lugar não operam de maneira isolada, menos ainda, em territórios fronteiriços em que é constante o fluxo e o encontro de pessoas, ideias e padrões culturais, entre eles, os de gênero.

Na maioria das histórias das mulheres transfronteiriças, nem sempre as desigualdades de gênero começam e terminam em contextos históricos e geográficos específicos. Pelo contrário, elas atravessam as histórias, os ciclos vitais das mulheres, seus espaços sociais e também os limites geográficos, em uma constante relação de continuidade, negociação e ruptura. A primeira experiência laboral das mulheres transfronteiriças se dá, majoritariamente, no trabalho doméstico e de cuidado. Primeiro, de forma não remunerada em suas famílias de origem, mas também como primeiro trabalho assalariado em casa de terceiros que, muitas vezes, são membros da própria família, como tias e tios, ou até mesmo vizinhas e vizinhos, isto é, pessoas do entorno próximo das mulheres. Assim como as histórias de suas mães, o comércio e, especialmente, o comércio de rua fronteiriço é outro importante setor para o ingresso das mulheres no mercado laboral.



Percebemos então que o trabalho doméstico e de cuidado, assim como o comércio de rua fronteiriço, são os principais setores econômicos em que as mulheres desempenham seus primeiros trabalhos remunerados. E são também os setores em que a maioria delas continuam trabalhando até os dias de hoje. Se bem é certo que na fronteira as mulheres reproduzem os mandatos, papeis e violências de gênero da linhagem feminina familiar, por outro lado, elas constantemente ativam as fronteiras como recurso para a ruptura e negociação destas relações de gênero desiguais. O acesso ao mercado laboral transfronteiriço permitiu às mulheres a construir autonomia econômica, encorajando-as, inclusive, a romper com relações de violência intrafamiliar. Para algumas de nossas interlocutoras mais jovens, a dinâmica laboral fronteiriço permitiu ainda, financiar o acesso à formação profissional e universitária, permitindo às mulheres melhores condições laborais e perspectivas de futuro. Apesar dos sistemas de desigualdade de gênero empurrarem as mulheres para o trabalho transfronteiriço informal, ainda assim encontraram melhores condições laborais no Brasil e se beneficiaram da valorização da moeda brasileira diante do guarani paraguaio. Finalmente, essas contradições entre reprodução e ruptura dos sistemas de desigualdade de gênero na fronteira representam o que Guizardi (2023) observou como “dialética do habitar fronteiriço”.

RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMÁTICA

O trabalho dialoga com a sessão temática proposta porque analisa as experiências e formas de habitar de um grupo social em movimento (em migração e transfronteiridade) e os impactos dessa forma de habitar no desenvolvimento urbano local e vice e versa. Da mesma forma, destaca a miopia e as lacunas das políticas públicas e de desenvolvimento no território fronteiriço, centradas nos limites nacionais e, portanto, desconectadas das dinâmicas locais concretas no território habitado. O trabalho chama atenção, assim, para a necessidade de compreender as formas cotidianas de habitar e, logo, adotar perspectivas políticas e de desenvolvimento correntes com as dinâmicas locais, especialmente em territórios tão particulares como as zonas de fronteiras que, no Brasil, correspondem a 17% do território nacional e compreendem 588 municípios (IBGE, 2020).¹

¹ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/24073-municipios-da-faixa-de-fronteira.html?=&t=o-que-e>. Acesso: 08 de agosto de 2021.



REFÊRENCIAS.

GREGORIO GIL, Carmen. **Migración femenina.** Sus impactos en las relaciones de género. Madrid: Narcea, 1998.

GUIZARDI, Menara. Habitar la interseccionalidad. *In:* VERA, A., AGUILERA, I.; FERNÁNDEZ, R. (Org.). **Nación, otredad, deseo.** Producción de la diferencia en Tiempos Multiculturales. Santiago: Ediciones Universidad de Academia Humanismo Cristiano, 2019. p. 141-182.

GUIZARDI, Menara (Ed.). **Patriarcado de ultraintensidad.** Cuidados y violencia de género en la Triple-frontera del Paraná. Santiago: Ocho Libros, 2023.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

VITERI, María Amelia; CEJA, Ileri; YÉPEZ, Cristina. **Corpografías: género y fronteras en América Latina.** Quito: FLACSO, 2017.